

Egreja dos Terceiros de S. Francisco no Porto.

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA  
(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias* — Um anno, 4\$800

Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,  
acresce o importe das despesas.

*Extrangeiro* — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.



# Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

## Padre Viela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre.

Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer

Breves Apostolicos, e lambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

*Tem, annexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.<sup>o</sup> Villela & Irmão

**83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91**

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de Informaçãõ graphica

□□

Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

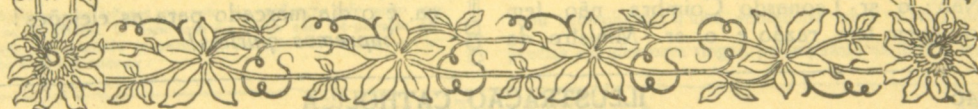
Braga, 10 de Maio de 1919

Redacção, Administração e Typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 301—Anno VI



Porta da igreja da Conceição (Elvas).





# Chronica da semana

À luz do incendio.

**E**SCREVEMOS hoje á luz sinistra das chamas que carocoleiam espirais de fumo denso, dardejadas de linguas de fogo que lambem, num valsar horrífico, as paredes do Limoeiro, depois de haverem derrocado no Terreiro do Paço algumas dependências dos ministerios. Nada tem de poetico a evocação, mas tem muito de logico. Pois não é logico que ardam materiais combustiveis armazenados cuidadosamente, com o fim muito especial de fazer uma fogueira? A luz é ferrivel, de acordo, projecta-se das margens do Tejo, reverberando nas do Minho o seu clarão, a sua fumaceira asfixia e oprime a consciencia nacional, mas o caso é que tudo isso estava previsto e preparado com uma minuciosa pormenorização — e passe o pleonasmo, porque na verdade a revolução social tem a sciencia do requinte da particularidade.

Se não, — vejam lá! — haveria nos incendios pessoal destacado para cortar as mangueiras, a fim do fogo não poder ser dominado? Relatou-o com frieza a imprensa diaria, no pèle-mêle da sua informação: talvez se escandelizasse por isso o burguês pacato e pachorrento, mas não seremos nós quem, por tal, vibre a indignação postiça das retumbantes tiradas de rhetorica para *épâter le burgeois*.

Se por alguma coisa nos houvessemos de indignar, era exactamente pela propaganda anti-bolchevista que determinou agora mesmo o sr. Ministro da Instrucção. Oh! suspenda o leitor o seu juizo deante do paradoxo, e não nos lapide antes de acabar de ler a chronica, que vamos sucintamente dar razão da nossa opinião.

Qualquer propaganda contra a Revolução social, em qualquer aspecto que esta seja tomada há de fatalmente fazer-se no campo das ideias. Pois não é?! Ora então bolas! lá se vae por agua abaixo o grande principio de que todo o fenomeno é educativo, de que a vontade é tudo, e de que a melhor maneira de educar é deixar as crianças em inteira liberdade, permitindo lhes que façam o que muito bem quiserem! Não sei se nos exprimimos bem, mas cremos que isto é a *lex*, a *Charta magna*, o ideal de quem marcha guiado pelos esplendores transcendentais de um *cousismo* transcendente.

Não: o sr. Leonardo Coimbra, não tem razão: quem tem razão é o sr. Ministro da

Instrucção. Diz o Garrett que certo ministro que morreu a assinar uma portaria já tinha largado a penna quando chegou ali pelos Prazeres, para significar na realidade como se muda de criterio, ao assumir deante de um Juiz incorruptivel, as responsabilidades de actos preteritos.

Pois, senhores, quando se assumem hoje responsabilidades presentes, tambem se muda de opinião e de criterio. Ainda ha pouco me contaram que o radical sr. dr. Domingos Pereira, foi apodado de *thalassa*, por elementos revolucionarios da capital. Não: que as responsabilidades pesam!

E por isso é logico, dentro do illogismo, a attitude do sr. Ministro da Instrucção, só que a sua visão é, ainda incompleta, e as suas medidas puramente inefficazes. Pouco importa que os professores façam o negativismo de mostrar a brutalidade bolchevista, se não se fizer na alma das crianças a sementeira proficua da verdadeira disciplina mental, social, e moral que é a que dimana da sciencia, da caridade e da etica christã-catholica.

Se o Senhor mesmo não edificar a cidade, é muito em vão que laboram os que pretendem reconstruir neste agitado principio do seculo XX, agitado de guerras, de revoluções, de bombas, de vendaveis, e de derrocadas, e que vendo derruir uma civilização, que finha tantas coisas boas apezar das imperfeições, encontra histriões que sobre os escombros enegrecidos das cidades aridas, cantam ao som das liras de agora, as tomadas de Troia; legislam palavreado ôco mas sonoro, e... accusam os christãos das Catacumbas de ter lançado o fogo. A grande politica internacional! Perfeitos Neros, senhores, perfeitos Neros!

O operariado da capital, lançou-se no caminho das reclamações. Aqui não é cathedra de economia social, para as discutirmos. Nem queremos dizer que na resolução dos conflictos se chegasse ás transigencias que rebaixam: o que diremos, simplesmente, é que a questão não se tramou. Hoje adiada, renascerá amanhã mais violenta. Mas, como hoje parece socegado o país, o bom e pacato burguezinho enfia o barrete de dormir e resona beatificamente em *dó menor*. Aposto que nem se lembra que amanhã, 11 de Maio de 1919 da graça, é o dia marcado para as eleições!

*Supremos quirites!*





DE FREY GIL DA SOLEDADE,  
CORREDO DA FALPERRA.

LXXVI

Um detractor do nariz.

(Conclusão)

E esta insulsa pachouchada litteraria terminava com  
uma ignobil palinodia :

Mas narizes sem defeito,  
Narizes de Dulcinea,  
Só estão n'esta plateia  
E tambem nos camarotes.  
Esses sim, esses são bellos,  
Bemfeitores e sem rivaes,  
São narizes divinaes,  
Que não merecem dichotes.

Ora some-te, *Morpheus*! Não tardará que Bocage e  
outros poetas do seculo XVIII nos desenfasiem d'esta en-  
xabidez, mostrando que chispante pedernal de epigrammas  
foi o nariz da famosa estanqueira do Loreto.

Não deixemos, porém, ainda o palco popular, sem  
alludir a duas outras peças nasaes que por ahi têm curso.  
Uma, nem tal merecia, pela mesma razão porque não indi-  
caremos os contos nasaes de Armando Silvestre e outros.  
E' uma réles porcariazinha, tambem franceza, musica de  
*Maxime Lyonnell*, que se contava no segundo acto do *Me-  
nino ambrosio*, com letra de André Brun. Lembra-a por-  
que sendo o titulo *O nariz do tabellião* pode algum leitor  
incauto cuidar que se trata do já citado romance de Edmun-  
do Abont: *Le nez d'un notaire*, traduzido ha annos para  
portuguez por Prospero Gallo.

A outra peça pouco mais vale. E' o mesmo thema, *ve-  
lho de seculos*, (1) que o auctor, Alfredo Albuquerque, ex-  
plora numa mediocre composição a que modestamente cha-  
ma cançoneta *original*. Vã uma amostra, para desengôdo  
de tentadiços, das coplas d'*O nariz do Luiz*:

Era o Luiz um bom rapaz,  
De genio bom e delicado ;  
Porém nem sempre a vida traz  
Um viver doce e sosegado.  
Por um acaso do acaso,  
O desgraçado do Luiz,  
Tinha um nariz, um bec, um naso,  
Mas Santo Deus, oh ! que nariz

E então, por desafôro  
Diziam-lhe em côro :

(1) Passem-me os leitores um voto de confiança, pelo muito que  
tenho lido sobre narizes. O escabroso do thema não me permite dis-  
pensar o voto, apresentando as provas da asserção. Só se fosse em la-  
tim. *Le latin dans les mots* . . .

Ai ! ai ! ai !  
Luiz ! Luiz ! Luiz !

Ai ! ai ! ai !  
Não podes ser feliz !  
Se a sorte assim o quis,  
Não te deixa em paz,  
Rapaz, um tal nariz !

Porém um dia, a Felisberta  
Pequena linda lá da aldeia,  
Sentiu, ao vê-lo, boquiaberta,  
Pular-lhe o sangue em cada veia,  
Tambem Luiz se enamorou  
— O desgraçado do Luiz —  
E o casamento se ajustou  
Dando elle em dofe . . . o seu nariz !  
Diziam os da aldeia  
Gritando á bocca cheia : etc.

Porém, passados alguns mozes  
Teve o casal um Luizinho ;  
Depois mais tarde, d'outras vezes  
De cado vez um bebêsinho !  
Porem o pae vendo-os nascer,  
— O desgraçado do Luiz —  
Com uns narizes de fremer,  
Poz-se a dizer : 'Sou infeliz !'  
Que o povo já berrava  
E nunca mais parava, etc.

Pôs-se o Luiz como um sandeu  
A matutar sobre os narizes !  
E a culpa foi parar ao seu,  
Por elle ser pae dos petizes !  
E, nem momento, o pobre pae  
— O desgraçado do Luiz, —  
Com um cutello, sem um ai !  
Cortou o seu bello nariz !  
E ao vel-o, decepado  
Diziam-lhe do lado, etc.

E por aqui nos ficamos. Continúa a cançoneta dizendo  
que depois da amputação os pequenos appareceram já sem  
nariz. O, phenomeno muito mais difficil de admitir que o  
outro, a transmissão, por hereditariedade, da fartura na-  
rigal !

E nunca mais tornaremos a metter o nariz no palco  
popular — o nariz que a penna prestigiosa de Rostand pas-  
seou triumphante, n'uma verdadeira obra d'arte, que não  
precisa estreme para vingar, pelos palcos de todo o mundo !



# Senhora da Luz

Aurea visão de fulgidas chimeras  
Não me abandones só, na minha vida.  
Quero singrar, em rutilas galeras  
No mar ideal d'uma illusão florida!

Se a garra vil de perfidas pantheras  
Não me roubar essa esperança qu'rida,  
Nem tu, Velhice, conseguir pudéras  
Mudar meu sonho em dôr desiludida.

Oh! Visão da minh'alma soffredôra,  
Dá-me a ventura, a paz consoladora,  
Um vivo sol radiante de paixão:

P'ra, quando fôr velhinho, ainda ter  
A immaculada crença na Mulher,  
A Mocidade a rir no coração!

Na Casa de Barrimau, Terra d'Enfre Douro  
e Minho, em Junho de MCMXVIII.

Jayme de Sampaio.

# AVE, MARIA

O' Virgem! quem não ha-de  
Cantar em teu louvor,  
Se és fonte de bondade,  
Se és Mãe do puro Amor!

Rainha da piedade,  
Rainha do condor,  
E's luz e amenidade  
De quem para ti fôr.

Desde o raiar da aurora  
Ao declinar do dia,  
Com rude voz embora,

Na dôr e na alegria,  
Eu canto a toda a hora:  
Ave, ave, Marial

João Avelino.



# Jesus Christo em leilão



que vae lêr-se nunca succedeu. Seria espantoso! Mas esperae: quem vol-o narra presencou as scenas que descreve, ouviu as blasphemias que repete — pelas quaes vos pede perdão, oh Jesus Christo! — e muito depois de ter visto tudo aquillo sente oppresso o coração e ainda muitas vezes, ao recordal-o, chora:

Trata-se de um sonho? E' simples criação de uma phantasia dolorosamente commovida e piedosamente exaltada?

O caso é que depois de se dictar algum d'esses infames decretos de expulsão das Communidades religiosas, ao redor de um convento aglomerava-se o povo, commovido e triste mas inactivo.

Um dos sacerdotes expulsos poz-se de joelhos perante o chefe que presidia aquelle crime.

— Deixae-me entrar para que tire do tabernaculo as hostias consagradas.

— As hostias! Para que as queres?

— Trata-se do meu Deus, do meu Senhor, de Jesus Christo! Deixar-vos-hei a pixide de prata mas deixae-me levar as hostias.

— E que darias para leval-as?

— Tudo! Meus bens, minha liberdade, minha vida!

— Pois se tanto valem, *vendel-as-hemos*.

E deu um pontapé ao sacerdote que, exanime, foi cair nos braços de alguns fieis.

Pouco depois a multidão esperava na praça publica um leilão: a *venda dos bens dos religiosos*.

Então o delegado, abrindo a pixide que elle mesmo se atreveu a tirar do tabernaculo, deitou as hostias consagradas n'uma bandeja e gritou:

— Hostias consagradas, o Deus dos padres! Quem quer uma?

Lugubre, mortal silencio acolheu aquella proposição sacrilega. Unicamente se percebeu um apagado murmurio.

Ao redor do esbirro ouviam e demoravam alguns homens de feroz e estúpido olhar.

— Ouves, queres alguma? disse um outro.

— Para que quero eu a Deus? Não vês que me estorvaria? Eu quero divertir-me, disfructar da vida; eu o que quero é estar livre, sabes? Livres os meus sentidos, livre a minha intelligencia, livres as minhas concupiscencias. Não quero as tuas hostias que me fariam remorsos.

\*

Junto d'elle um jovem zombava das suas palavras, pelo que lhe disse o delegado:

— E tu queres hostias?

— Bom: venham. Divertir-me-hei com ellas: riri dizendo a este pedaço de pão: *Tu és Deus*, e genuflectirei ante elle; dá-m'as.

— Quem és tu: tão ouzado nas tuas palavras?

— Descendo de *Herodes*, zombador, e dos *soldados* que em Jerusalem escarneciam de Jesus.

\*

E tu, jovem de olhar sombrio e apagado que não te atreves a olhar de frente, queres hostias?



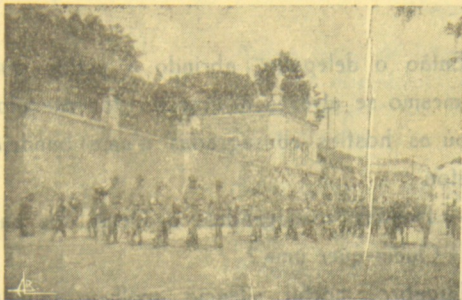
Lisboa — Monumento a José Estevão no Largo das Côrtes.



— Sim; quero-as.

— Para quê?

— Dar-me-hão lugar entre as pessoas piedosas e explorá-las-hei com a minha hypocrisia;

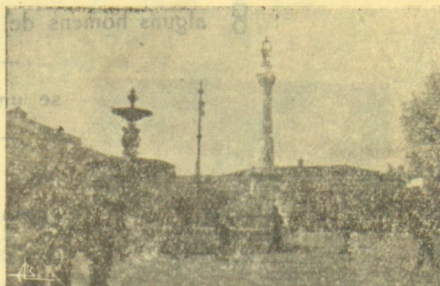


Lisboa — A guarda do Paço de Belem no dia da recepção do novo Nuncio.

mostrarei por essas formas consagradas artificioso respeito, sem prejuizo de que ao conseguir o que desejo, as lance no pó.

— Então, quem és tu alma dolorosa e abjecta?

— O descendente de Caiphaz e de Pilatos.



Lisboa — Praça de D. Pedro (Rocio).

— E tu, cujo olhar é brilhante como braza e como o fogo, ignivomo, queres estas hostias?

— Quero.

— Que vaes fazer com ellas?

— Vendel-as! Conheço certas associações que as compram e pagam muito bem. Dá-m'as, terei oiro e com oiro mil prazeres.

— Quem és?

— O descendente de Judas.

E tu que permaneces de pé, com a espuma da ira nos lábios, crispadas as mãos como se apertasse um punhal. Querel-as?

— Sim.

— Para quê?

— Rasgal-as, tritural-as, espesinhal-as-hei, e enlodadas as apresentarei ás almas sensiveis de cuja dôr zombarei.

— Mas, quem és tu?

— O descendente dos que crucificaram a Jesus e do ladrão que o insultava moribundo

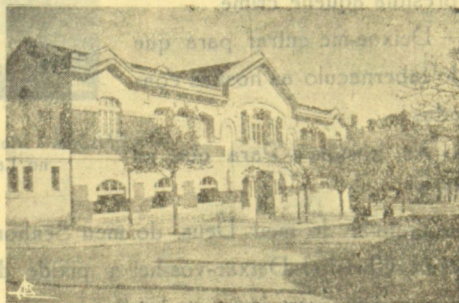
Estendiam as suas mãos aquelles homens, e rindo com riso de demonio dispunha-se a lançar-lhes as hostias o delegado quando, dominando o estrepito blasphemo se ouviu este grito commedor: *Meu Senhor e Meus Deus!*

E uma mulher arrebatou as hostias e as guardou no seu seio.

\*

Estremeceu o varão de Deus a quem se representara isto e parecia-lhe sair do abysmo.

O suor perlava-lhe a fronte, juntas as mãos repetia *Senhor meu e Deus meu!*



Lisboa — Sociedade Nacional de Bellas Artes, onde no dia 17 de Maio foi inaugurada uma exposição de flores.

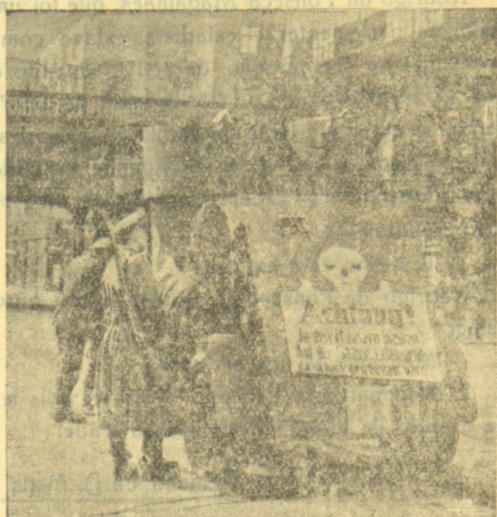
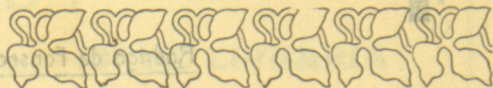
Estava ajoelhado diante do Sacratio na hora nocturna de reparação e adoração.



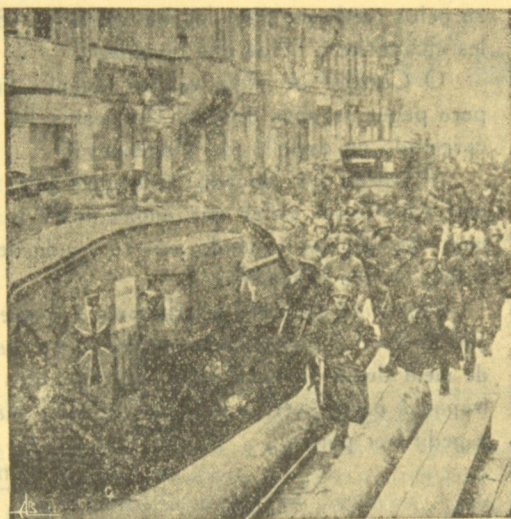
# Na Alemanha



BERLIM — Uma trincheira tomada aos bolchevistas na avenida Frankforten.



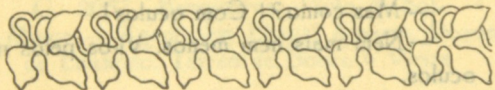
BERLIM — Os Tanques ostentando cartazes dizendo : Cuidado ! Não sair de casa. Nas ruas ha perigo de morte porque disparamos incessantemente.



Berlim — Um Tanque de tipo inglez atravessando uma rua em direcção á lucta.



BERLIM — Um cenhão, fortificando uma rua, durante a lucta contra os bolchevistas.





# Anecdotas • historicas

## Ditos • e • pensamentos

Rodrigo da Fonseca

Rodrigo da Fonseca Magalhães, que foi um eminente parlamentar e estadista, estava comprometido na conspiração de 1817. Quando a policia, na madrugada de 25 de maio de 1817, cercou a casa que Rodrigo habitava, este desceu as escadas entrajado de aguadeiro e de caneco ao hombro. O encarregado da diligencia perguntou lhe:

— Teu amo está em casa?

Rodrigo da Fonseca respondeu como puro galego:

— Meu amo lá fica em cima.

E desapareceu. Escapou á morte, pois teria a sorte de Gomes Freire de Andrade.

Reinado de D. Maria I

Um poeta fez esta satyra, n'um conselho de ministros:

O negocio se propõe;  
Duvida El-Rei meu senhor;  
Atrapalha o confessor;  
Angeja a pagar se oppõe;  
Nada a rainha dispõe;  
Martinho marra esturrado;  
Ayres não passa de honrado;  
E o visconde em conclusão,  
Pede nova ii. formação,  
Fica o negocio empatado!

Notas. — O visconde era o Visconde de Villa Nova da Cerveira; o Angeja era o Marquez de Angeja o ministro do real erario (finanças).

Duque da Terceira

Em 1846 era chefe do governo Saldanha. O duque da Terceira foi mandado ao Porto para abafar a revolução que começava. José Passos sublevou a cidade. O duque foi preso logo que chegou. O *patulêa* Navarro deu-lhe

voz de prisão. O duque perguntou tranquillamente:

— Preso á ordem de quem?...

— A' ordem d'este bacamarte!... Disse o Navarro batendo no trabuco.

O duque foi preso para o castello da Foz.

Os grandes devedores

*Bacon* contrahiu muitas dividas, e para acudir ás suas necessidades acccitou peitas, e foi condemnado, aviltado e arruinado;

*Pitt*, eminente financeiro, que tinha de rendimento 6.000 libras por anno, ficou a dever mais de 40.000.

*Fox* vivia de dividas e n'uma só noite malbaratou ao jogo 11.000 libras.

*Sheridan* gastou em seis semanas 1.600 libras; recebia grandes sommas, e contudo não pagava a ninguem. Uma vez foi sitiado em casa pelos crédores, mas logrou evadir-se. Smiles chama-lhe o heroe das dividas.

O *Cardeal de Retz* vendeu quanto tinha para pagar as suas dividas. Por estas foi encarcerado no castello de Vincennes;

*Mirabeau* foi lançado na cadeia por seu pae, para assim evitar que augmentasse o numero das dividas; quando morreu, ainda devia o fato do seu casamento.

*Lamartine* chamava á arithmetica a «negação de todo o pensamento nobre; deu cabo de meia duzia de fortunas e usou de todas as trapaças para viver, e no fim da vida estava a pedir por portas.

Stanley

Esta deu-se com Stanley, *si vera est fama*. Uma senhora perguntou-lhe:

— Também viu leões em Africa?

— Por certo! Com oculos.

— Mas como?! Com oculos!

— Nem mais nem menos. Vi-os pelos meus oculos.



# LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

## Vago

Contra riscos de guerra terrestres  
e maritimos, grêves, e tumultos em mobílias  
e edificios particulares, segura a Companhia  
*Luzo-Brazileira de Seguros*

# SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião  
19-2.º—Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:  
C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sotto-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoas de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Manuel da Conceição Rocha  
Largo do Barão de S. Martinha—BRAGA

## Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.  
Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniums, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

**Aurelio Monteiro & C.ª**

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa  
Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)



# Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade  
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1. Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2. Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pajavras textuaes).—3. Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcepreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

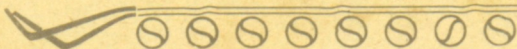
Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na Officina de S. José, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Mauuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicao; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsídios, etc.

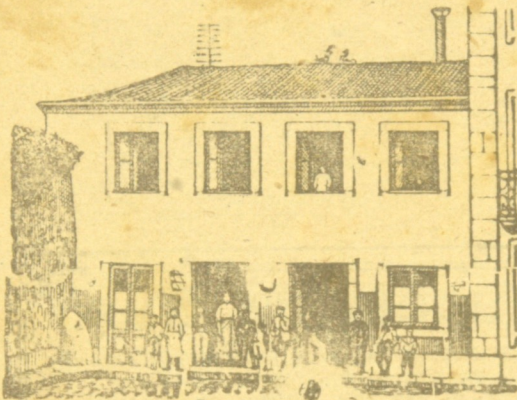
Este, concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João: faculta a livreria aos socios, que a desejaram consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no reterio do jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



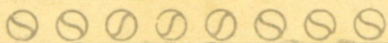
## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

*Gasa do Cañinho*



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero



## Collegio de S. Thomaz d'Aquino

**BRAGA**

**Fundado em 1896**

DIRECTOR

**Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga**

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial, e Instrucção Primaria.

## Colégio Académico

**GUIMARAES**

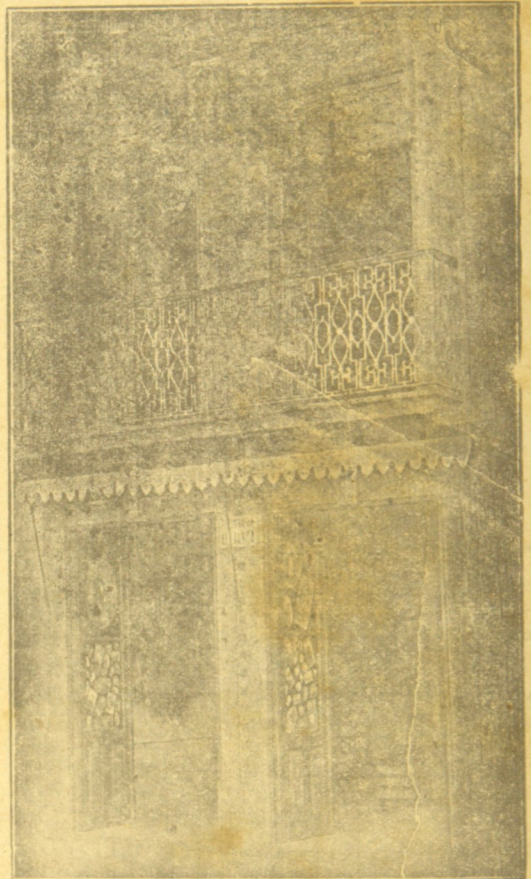
**Campo da Misericórdia**

A casa de educação e ensino mais  
antiga desta cidade

Bons resultados nos exames e sólida  
educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores

*Dr. Alfredo Peixoto  
Luiz Gonzaga Pereira  
P.º José Maria dos Santos*



**PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA**

44 Praça Alexandre Herculano, 45

**BRAGA**